
A Fragmentação do Indivíduo pelo Ciberespaço e o Exemplo das Redes Sociais Digitais

Lucas Eduardo Dantas*
Fernanda Constantino**

Com o advento das novas tecnologias, a sociedade atual vive um momento onde o espaço real e o virtual se entrelaçam e se relacionam de maneira que a diferenciação destas instâncias não pode se fazer mais de forma simples e puramente objetiva. As redes sociais e os dispositivos tecnológicos, arisca-se dizer, compõem e/ou auxiliam no processo de experimentação que o indivíduo traça entre o seu Eu e a realidade social colocada.

Dentro deste contexto, importante atentarmos ao olhar da forma como o sujeito se coloca dentro do espaço virtual, através dos perfis em plataformas de redes sociais online, ferramentas usadas como elemento de interação dentro do ciberespaço. A partir da conceituação de Goffman acerca das máscaras sociais, busca-se aqui entender como tal sujeito se edita na rede, a forma como este constrói a persona com objetivos específicos em diferentes esferas virtuais. Logo, o objetivo desta análise é, além de entender em parte a relação deste novo sujeito com esse espaço midiático, expor a forma como este se encontra fragmentado, dotado de uma plasticidade e fluidez da personalidade humana propiciada por uma maleabilidade das aparências.

Com relação a este espaço de representação virtual, qual pretendemos empreender tais análises, se faz interessante discutir algumas percepções apontadas por Harvey no

* Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense – PPGMC UFF. E-mail: lucaseduardodantas@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5371622217950772>

** Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense – UFF e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano – PPGMC pela mesma Universidade. E-mail: fernanda.costantino@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9355682407876251>

que tange sua análise da obra de Henry Lefebvre, *La production de l'espace*, com relação aos espaços de representação dentro da Cidade. De acordo com o autor:

Os espaços de representação são invenções mentais (códigos, signos, “discursos espaciais”, planos utópicos, paisagens imaginárias e até construções materiais como espaços simbólicos, ambientes particulares constituídos, pinturas, museu, etc.) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais. (HARVEY, 1989, p.201)

Tal afirmação pode ser vista como uma provocação acerca do uso que o sujeito atribui a tais ferramentas dentro deste espaço virtual baseado na representação do ser. Coloca a identidade construída pelo sujeito na rede como resultado de uma abstração preconcebida, moldada pelo próprio espaço onde esta se elucida.

A análise busca usar como recorte o cenário de três redes sociais bem popularizadas, sendo cada uma delas com um objetivo de interação ou relacionamento no espaço diferenciada. O aplicativo para dispositivos móveis Tinder é um dos exemplos. A plataforma une pessoas com interesses em comum e que estejam localizadas próximas espacialmente, com o objetivo de formar novas relações amorosas ou amizades. A forma como cada usuário irá se definir e se colocar diante do outro dentro do aplicativo será influenciada pelo objetivo dentro da rede e pelos mecanismos simbólicos que o programa possa apresentar e disponibilizar para a construção do perfil.

Posteriormente tal análise, buscar-se-á empregar análises deste modelamento da personalidade e dos discursos dentro do Facebook, que diferente do Tinder, tem o foco dissolvido em diversas esferas, como a do afeto, do trabalho, da política, em suma, do cotidiano, sendo nenhuma totalizadora. A plataforma propicia ao sujeito expor representações da vida cotidiana dentro da rede, sendo, às vezes, colocada como ferramenta de mediação dos relacionamentos, discursos e ações na vida real, instrumento de mediação entre o sujeito e a realidade concebida.

Por fim, a rede social LinkedIn também nos fornece um exemplo de como o indivíduo pode se representar dentro de uma nova esfera. O LinkedIn é uma rede social de negócios na qual profissionais registram suas habilidades, experiências e formação, no formato similar ao de um currículo. Através da rede, empregadores e funcionários podem entrar em contato e iniciar novas parcerias. Cada usuário cria seu círculo profissional dentro da plataforma, alterando assim a maneira como se expõe diante do público. Essas variações são parte do que esse trabalho pretende expor e debater, atentando sempre para

a própria variedade nos propósitos indicados em cada plataforma e nos recursos que cada rede oferece para seus usuários.

O INDIVÍDUO E OS PAPÉIS SOCIAIS

No primeiro capítulo de sua obra *Vida Líquida* (2007), o filósofo Zygmunt Bauman, trabalhando num contexto de uma sociedade individualizada, nos chama atenção para o caráter dúbio do que significa ser um indivíduo. A princípio, define-se indivíduo como aquele diferente de todos os outros. Porém, quando ser um indivíduo é um imperativo dentro da sociedade, essa tarefa se constitui como impossível, logo que cada indivíduo deve “seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns – comumente reconhecíveis e legíveis – para convencerem os outros de que assim estão fazendo” (BAUMAN, 2007). Assim, como a individualidade está ligada ao caráter de autenticidade, a tarefa se torna a buscar o “verdadeiro eu” no interior de cada um. Para cumprir determinada função, há diversos auxílios no mercado e o “os traços menos comuns – realmente individuais – do eu só têm valor reconhecido depois de convertidos à moeda atualmente mais comum e, portanto, mais amplamente usada” (BAUMAN, 2007).

Portanto, há hoje uma infinidade de aparatos disponíveis no mercado de consumo para ajudar o indivíduo na busca pela sua individualidade, que passa a ser determinada pelo poder de compra e pelos bens que cada um pode arcar. Assim, se torna imperativo pensar que essa tarefa está disponível a apenas alguns poucos que podem bancá-la. Em um mundo globalizado e marcado pela divisão internacional do trabalho, a individualidade se torna basicamente um privilégio de poucos.

O modelo consumista adotado pela atual 'emancipação para a individualidade' parece singularmente resistente ao estiramento. Nos perguntamos em que medida barrar a individualidade de muitos é condição *sine qua non* para a individualidade de alguns, ou se a individualidade, em sua presente versão, pode ser outra coisa que não um privilégio (BAUMAN, 2007, p. 40)

Esse modelo alimenta o que Bauman chama de “cultura híbrida”, ou seja, aquela na qual a busca pela identidade recai sobre a lógica da não-pertença e da liberdade de escolha. A sua base é a fluidez, o movimento e o não enraizamento em determinado padrão. Assim, uma identidade híbrida é aquela que não pertence a nenhum local específico e está em constante reinvenção. Se opõe ao conceito clássico de identidade, baseado na consistência e na continuidade. Bauman defende que a “hibridização significa

um movimento em direção a uma identidade eternamente indeterminada, de fato indeterminável” (BAUMAN, 2007). É um conceito que recai bem sobre como são definidos o espaço e o tempo no pós-modernismo.

De acordo com Hans Ulrich Gumbrecht, em *Modernização dos Sentidos*, o tempo clássico da sucessão de épocas e do fio condutor da história “dá lugar à impressão de um estado de suspensão” (GUMBRECHT, 1998). Ao mesmo tempo, a impressão é também a vivência em uma multiplicidade de temporalidades que são experimentadas simultaneamente. “No caso da espacialidade pós-moderna entrou em cena uma dissociação entre a posição do corpo de um experimentador/agente – em dado momento – e as zonas acessíveis a sua experiência” (GUMBRECHT, 1998). Ou seja, a mediação da experiência alterou a forma como a espacialidade é vivida e até mesmo “libertou” o corpo de tal espacialidade. Se pensarmos na identidade híbrida proposta anteriormente, esses conceitos se ligam na medida em que a identidade deixou de ter um caráter local e passou a ser experimentada em diversas proporções e de diferentes formas, abandonando também o conceito de continuidade.

Com base na experiência e neste processo de formação identitária na contemporaneidade, considera-se importante salientar alguns dos postulados construídos por Erving Goffman no que tange para questões tocantes a construção da Fachada pelo indivíduo e pelos grupos sociais a partir do desenvolvimento das relações tendo base a teoria do interacionismo simbólico. Logo, por fachada entende-se

Será conveniente denominar fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado, intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 1985, p. 29)

Para a realização da fachada de forma eficaz, Goffman aponta para dois elementos simbólicos que devem condizer com a representação: o cenário e a maneira. O cenário, neste caso, se engendra como o ambiente urbano, a cidade. As ações dos agentes sociais acontecem dentro desta esfera simbólica, onde se emitem discursos e são realizadas ações que contribuem para a manutenção e o fortalecimento da fachada. Como elementos constitutivos deste cenário, podemos colocar as condições da rua, a estrutura da cidade – o plano urbanístico como um todo (prédios, casas, praças, vias) –, as relações tecidas pelos indivíduos para além de sua condição – relações referentes ao trabalho, relações familiares, relações sociais e políticas.

Com relação a definição da maneira, ou do modo de agir deste indivíduo, Goffman postula acerca de uma outra vertente da fachada. A *fachada pessoal*, como postulo ao autor, se coloca não só como elemento que compõe a fachada social, mas também como essencial para a constituição e construção da maneira de agir do indivíduo. Por fachada pessoal entende-se:

Podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de comportamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. (GOFFMAN, 1985, p. 31)

Parte do que constrói a personalidade do indivíduo está presente na fachada pessoal. Esta instância simbólica está totalmente relacionada com a identidade, de modo prático, no momento que esta é refletida e percebida a partir do da execução de atividades práticas, principalmente relacionadas à cultura e ao hábito.

A MEDIATIZAÇÃO DA VIDA E A CONSTRUÇÃO DO SELF

Para John B. Thompson, em seu livro *A Mídia e a Modernidade* (2011), o *self* (a identidade ou o eu) não é um produto exclusivo e passivo do sistema simbólico externo e das ideologias propagadas, assim como não é unicamente uma entidade fixa de cada indivíduo. O *self* para o autor é um projeto simbólico, construído ativamente a partir dos materiais simbólicos disponíveis que combinam com a narrativa da identidade de cada um. Visto a partir dessa perspectiva, podemos propor uma divisão entre a construção do *self* em um mundo pré e pós mediatizado. Antes da propagação da mídia, os indivíduos buscavam na interação face a face e nos materiais simbólicos distribuídos localmente aparatos para construir seu próprio eu. Porém, com o advento da experiência mediatizada, o conhecimento local é substituído gradativamente por formas não-locais, alargando enormemente as possibilidades de materiais disponíveis.

O conhecimento técnico é gradualmente separado das relações de poder estabelecidas pela interação face a face, à medida que os indivíduos vão sendo capazes de ter acesso a novas formas de conhecimentos não mais transmitidos face a face. Os horizontes de compreensão dos indivíduos se alargam; eles não se estreitam mais nos padrões de interação face a face, mas são modelados pela expansão das redes de comunicação mediada. (THOMPSON, 2011, p. 269-270)

Assim, o *self* vai sendo construído a partir desses materiais simbólicos disponíveis, com os quais cada indivíduo tece a sua narrativa. Com novas experiências e materiais, essa narrativa vai se modificando continuamente, em um processo sempre ativo. As narrativas também vão se modificando na medida em que vão sendo recontadas, seja para nós mesmos como para outros indivíduos. “Somos todos biógrafos não oficiais de nós mesmos, pois é somente construindo uma história (...) que seremos capazes de dar sentido ao que somos e ao futuro que queremos” (THOMPSON, 2011).

Com a expansão da midiatização, o indivíduo vai se tornando cada vez mais dependente das mídias para construir seu *self*, de acordo com Thompson. Podemos nesse ponto recorrer ao conceito de *ethos* midiatizado que Muniz Sodré traz em seu livro Antropológica do Espelho (2002). De acordo com o autor, “a sociedade contemporânea (dita pós-industrial) rege-se pela midiatização, quer dizer, pela tendência à virtualização ou telerrealização das relações humanas” (SODRÉ, 2002). Sodré distingue mediação de midiatização, sendo a última exercida através das mídias de tecnointeração.

O conceito de *ethos* é explicado por Sodré como o aparecimento de um quarto *bios* existencial na sociedade de hoje, se baseando no conceito aristotélico de três gêneros de existência na Polis. Para Aristóteles, há o *bios theoretikos*, que é a vida contemplativa, o *bios politikos* e o *bios apolaustikos*, referente à vida prazerosa e do corpo, sendo todos gêneros qualificativos no qual acontece a existência humana.

Partindo-se da classificação aristotélica, a midiatização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios*, uma espécie de quarto âmbito existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a tecnocultura). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no *ethos* abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital. (SODRÉ, 2002, p. 25)

Assim, é importante ressaltar a importância da mídia digital na existência humana quando pensamos nos processos de formação dos sujeitos. Além disso, é importante pensarmos também no quanto a mídia se encontra na base das relações sociais de hoje, afinal, “a individualidade é afirmada e renegociada diariamente na atividade contínua da interação” (BAUMAN, 2007).

O HOMEM FRAGMENTADO DAS REDES SOCIAIS NA INTERNET

Redes sociais são um conceito que ultrapassa o ciberespaço e remete a um tipo de relação social, definida por seu caráter horizontal e pela presença de laços frouxos

(MARTINO, 2014). Normalmente, se formam a partir de interesses ou temas em comum e se apresentam de forma flexível, podendo se formar e se desmanchar rapidamente ou ter uma grande frequência de entrada ou saída de membros. As redes sociais online se referem àquelas que utilizam mecanismos tecnológicos dentro do espaço virtual da internet para se estabelecer.

Raquel Recuero, em seu livro *Redes Sociais na Internet* (2009), explica que uma rede é formada por uma série de componentes, sendo um destes os atores, aspecto sobre o qual a autora se debruça no primeiro capítulo da obra. Cada ator forma um nó dentro da rede, podendo ser representado por um web blog ou por um perfil dentro de um site de rede social, por exemplo. A autora atenta para o caráter da expressão pessoalizada na Internet, através da constante representação do eu no ciberespaço, formando espaços privados dentro da rede através de uma permanente construção de si. As páginas pessoais na internet podem ser sempre atualizadas com as últimas configurações que o *self* vai estabelecendo, atendendo assim ao caráter pós-moderno de formação do indivíduo. Além disso, de acordo com a autora, há um imperativo de visibilidade dentro das redes.

Esse imperativo, decorrente da intersecção entre o público e o privado, para ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser visto para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um eu ali. Talvez, mais forte do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador. (RECUERO, 2009, p. 27)

As ferramentas disponíveis em cada site na internet também são importantes para a representação dos atores dentro das redes sociais online. Como aponta Recuero, a percepção do outro é essencial para a interação e, na internet, essa percepção se dará através das informações postadas por cada um a partir de ferramentas disponíveis, como fotos, palavras, links, vídeos etc. “Essas ferramentas, portanto, são apropriadas como formas de expressão do *self*, espaços do ator social e percebidas pelos demais como tal. É unicamente por conta dessa percepção que as redes sociais vão emergir nesses espaços” (RECUERO, 2009).

Como um espaço de interação social, o site de rede social Facebook nos dá um exemplo em como as ferramentas influenciam na construção dos atores na internet. O Facebook é uma plataforma para reunir amigos e fazer novas amizades, baseado no compartilhamento da vida cotidiana. A página inicial é composta por um *feed* de notícias que é atualizado a cada minuto, seja com notícias jornalísticas, conteúdo humorístico ou com a produção de conteúdo de cada usuário. O próprio site estimula a personalização do

espaço: dentro da caixa de digitação disponível para a criação de uma nova publicação há a pergunta “No que você está pensando?”.

Além dessa página inicial, a rede é formada por páginas de perfis de cada usuário, além de páginas de grupos, eventos etc. No momento, vamos nos concentrar apenas na página do perfil, formada pela linha do tempo em destaque e as seções “sobre”, “amigos” e “fotos”.

Como uma plataforma multimídia, há no Facebook bastante destaque para as fotos e as imagens que cada um publica, porém, o grande diferencial da rede é o foco na narrativa cotidiana, constituída ao longo do tempo e formada pelo compartilhamento de informações. O ator nessa rede se forma não só a partir daquilo que narra sobre si mesmo e que permanece estático na página “sobre” e nas fotos, mas também pelas inúmeras narrativas e relatos que acompanham sua trajetória dentro da rede. Portanto, o Facebook fornece ao seu usuário a possibilidade de uma construção contínua do *self*, seguindo a lógica da “cultura híbrida” exposta por Bauman anteriormente.

Em seu estudo sobre como cada usuário se expõe e cria sua persona dentro da rede social Facebook, Beatriz Polivanov atenta para a importância que cada usuário impõe sobre o que postar ou não postar no site (POLIVANOV, 2015). Para a autora, cada integrante da rede escolhe quais conteúdos farão parte de sua narrativa, combinando aspectos que desejam constitutivos de sua identidade. Desse modo, há uma preocupação não só com aquilo que será compartilhado, mas também com aquilo que ficará oculto, em uma constante atualização.

Desse modo, entendemos que os perfis dos atores no Facebook são personas, não no sentido de serem falsos ou enganosos, escondidos atrás de uma máscara, mas sim no sentido de serem construções ou versões de si que os atores sociais – com mais ou menos cuidado e nível de autorreflexão – elaboram (e reelaboram constantemente) performaticamente, selecionando comportamentos e materiais de acordo com a impressão que querem causar à sua audiência em determinado momento. (POLIVANOV, 2015, p. 153)

Se compararmos o Facebook à plataforma LinkedIn, enxergamos mudanças não só nas ferramentas disponíveis, mas principalmente no objetivo dos contatos estabelecidos na plataforma. O LinkedIn é uma plataforma de negócios que funciona como uma rede social entre contatos profissionais. O perfil nessa rede funciona como uma espécie de currículo, no qual cada usuário coloca suas experiências profissionais, formação acadêmica, projetos e trabalhos voluntários realizados, por exemplo. Diferente do Facebook, no qual o foco são os fatos cotidianos e a manutenção de amizades, no

LinkedIn o indivíduo irá se representar de uma nova maneira, fragmentando seu *self* e divulgando apenas as informações relevantes para manter (e impressionar, no caso de estar em busca de um emprego) seus contatos profissionais.

Por fim, vale ressaltar a plataforma para dispositivos móveis Tinder, que funciona como uma rede social para a busca de novos relacionamentos amorosos. O aplicativo colhe as informações divulgadas no Facebook e, a partir desse material, cada usuário edita seu perfil. O programa cruza os dados de geolocalização e do perfil de cada um e começa a sugerir combinações entre os integrantes da rede. Há uma grande ênfase para a aparência, já que a própria ferramenta destaca as fotos de cada um, que se tornam imperativo na dinâmica do programa.

Assim, com esse foco definido, muitas vezes, o indivíduo se molda a partir da sua aparência física, escolhendo as fotos mais atrativas e bonitas para representar seu eu e descrevendo textualmente alguns dados de sua fisionomia. Há também uma grande ênfase em destacar qualidades pessoais que sejam consideradas atraentes para uma relação amorosa. Por exemplo, usuários destacam características de seu eu como “romântico (a), carinhoso (a) e amigável” e usam tais expressões na hora de se definir dentro da plataforma.

Dentro de tal perspectiva, uma vertente importante de análise seria o conceito de “edição do eu” desenvolvido por Goffman no contexto das relações sociais. Neste caso, fazendo uma conexão com relação a tais práticas dentro do cenário virtualizado. De mesma maneira que na sociedade os sujeitos se colocam com base nas interações com outros sujeitos, no espaço das redes sociais não é muito diferente. A “Edição do Eu” aqui tratada, vem salientar a maneira como cada cidadão constrói sua personalidade a partir das relações desenvolvidas e usando tal processo com elemento para formação pessoal no que tange a influência dos demais indivíduos de forma consciente e intencional, ou simplesmente narcísica, tendo como base o seu próprio bem-estar e suas concepções acerca do modo de vida.

Afirmo que quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciaram a definição da situação que vai se apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão. (GOFFMAN, 1985, p.15)

Aqui o autor expõe o que já vinha sendo dito, demonstrando essa intenção de moldar a própria personalidade em prol de objetivos específicos. Tais conceitos são a base para a construção da *fachada*, qual já expusemos seu funcionamento. Dentro do contexto aqui analisado, as ações nas redes sociais possuem este caráter intencional, objetivo, logo que diferentemente da vida social, esta edição é feita de forma mais aperfeiçoada, onde a interação entre os indivíduos se faz por meio de tais plataformas que por mais que rejeitem tal concepção, tornam a relação impessoalizada. Ou seja, ocorre um distanciamento entre os indivíduos, sendo este colocado como elemento que justifique e ofereça esta edição do Eu composta em sua maioria por aspectos positivos da personalidade de cada sujeito.

Outro ponto interessante apontado pelo autor seria o efeito e a importância que a observação possui para a composição desta *persona* criada por cada indivíduo, sendo a partir desta posição que o modo de agir segmentado e intencional se produziria. Descrevendo uma situação específica acerca deste privilégio que possui o observador, Goffman explica:

[...] para descobrir o que um conhecido (A) “realmente” pensa de outro conhecido (B), ele teria de esperar até que B estivesse na presença de A, mas conversando com outra pessoa (C). Examinaria então discretamente as expressões faciais de A quando olha pra B conversando com C. (GOFFMAN, 1985, p.16)

Logo, o observador em questão, nesse caso colocado como uma nativa das Ilhas Shetland, poderia entender o que A pensa sobre B a partir de suas expressões corporais e faciais, traçando análises a partir de suas conclusões. Desta forma, a observadora principal estaria entendendo não somente a opinião de A sobre B, mas também traços da personalidade de A. Fica claro, em primeiro momento, o quão privilegiado é a posição do observador no contexto da interação social. Posterior a isso, enxerga-se como tais conclusões obtidas pelo observador servem para moldar sua própria personalidade, no que tange à ação com algum indivíduo da situação ou contexto específico.

No contexto das redes sociais, a questão da observação também pode ser vista como algo primordial na construção desta personalidade mediatizada e virtualizada. No caso, substitui-se a presença em conversas entre os indivíduos pelos discursos enunciados dentro das plataformas, estes sendo colocados como expositores da opinião do ser, e conseqüentemente, se apresentando como traço de personalidade do sujeito com relação a determinado assunto, tema ou situação.

Ao tratarmos da perspectiva discursiva dentro da rede como elemento característico da identidade, faz a necessidade de esclarecer as formas quais este se apresenta. De início, pode entender discurso como o próprio texto, a comunicação de maneira mais simples. O simples ato de interagir com os demais indivíduos também presentes naquele espaço. Posterior a isso, o conteúdo multimídia compartilhado pelo usuário, produzido por ele ou não, também expressa caráter simbólico contendo a opinião e o traço da personalidade de quem compartilha algo nestes espaços. Por fim, o discurso opinativo, entendido sob forma de emissão de opinião ou posicionamento com relação a uma situação, cenário ou conjuntura apresentada. Todos esses elementos compõem parte deste Eu mediatizado, fazem parte da construção identitária do indivíduo na contemporaneidade. No entanto, esta não se apresenta como única, singular ou particular, e sim como fragmentada, similar e coletiva.

Relacionando ainda com Goffman, podemos usar a noção de teatralização das relações, onde os sujeitos assumem “máscaras” sociais, sendo categorizados pelo autor de duas maneiras distintas. O primeiro tipo de sujeito, de acordo com Goffman, seria aquele qual a forma de agir dentro da realidade em que este se insere seria feita de maneira coerente, consciente e intencional, levando em consideração o contexto de cada situação vivenciada. A outra categoria de sujeitos, postula o autor, seriam aqueles que agem sem dar importância aos resultados de sua atuação, desconsiderando os efeitos do seu agir sobre os demais sujeitos. A partir de tais definições, Goffman categorizou estes sujeitos como atores cínicos e sinceros. Segundo Goffman “quando um indivíduo crê em sua própria atuação, e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita, podemos chamá-lo de cínico, reservando o termo “sincero” para os que acreditam na impressão criada por sua representação” (GOFFMAN, 1985)

Tal definição, por mais simples e ampla que seja, inserida na temática das redes sociais, expõe o modo como são construídas essas identidades, subjetivas, simbólicas e ideológicas. A edição que o indivíduo faz sobre o seu perfil social, ferramenta de representação do seu Eu, vem carregado deste simbolismo, e representando consigo uma série de ideias que o precedem, mas que o representam. Vendem o seu estilo de vida, o seu Eu perfeito e imperfeito, se completando através das harmonias e contradições que a vida real, entrelaçada ao virtual, lhe proporcionam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, as discussões aqui elucidadas se trataram sempre no âmbito do virtual e suas relações com a identidade e a representação. Buscou-se entender este indivíduo fragmentado dentro deste espaço mediatizado, tentando compreender como o processo de construção da identidade se realiza, e quais os usos que o mesmo produz sobre as plataformas virtuais colocadas aqui em questão.

Como Bauman pontua, a própria noção de identidade se vê em uma contradição inerente à demanda de unicidade e autenticidade (BAUMAN, 2007). Ser realmente um “indivíduo único” se torna imperativo, mas também impossível, já que estamos sempre utilizando as mesmas ferramentas e materiais simbólicos para a construção do *self* (THOMPSON, 2011). Além disso, fugir dessa padronização seria desconcertante, pois “o único ato que o faria diferente e genuinamente individual seria tentar (...) não ser um indivíduo” (BAUMAN, 2007, p. 26).

Portanto, quando nos deparamos com os perfis expressos em sites de redes sociais na internet, há uma certa atitude esperada por parte de cada usuário em cada um desses sites. Raquel Recuero afirma que há um processo de personalização dentro de tais redes, mas sempre dentro daquilo que cada plataforma oferece como possibilidade (RECUERO, 2009).

O ponto de vista da edição do eu, tendo como base os autores expostos ao longo deste trabalho, tentou expor de que maneira este processo de construção seletiva da identidade se elucidava, demonstrando suas rupturas com o real e as facilidades e privilégios fornecidos pela lógica destes novos espaços. A partir daí, pode-se tentar entender a condição deste indivíduo fragmentado dentro destes processos produzidos pelas relações e interações produzidas e causadas por este cenário contemporâneo ou para alguns, pós-moderno.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

GOFFMAN, Erving. Representações. In: _____ . *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Vozes, Petrópolis, 1985. p. 25-76.

_____. Introdução. In: _____ . *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Vozes, Petrópolis, 1985. p. 11-24.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HARVEY, David. Espaços e tempos individuais na vida social. In: _____. *Condição Pós-Moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1989. p. 195-207.

POLIVANOV, Beatriz. Dinâmicas identitárias online: apontamentos sobre o que postar e o que não postar no Facebook. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 10, n. 3, pp. 151-166, 2015. Acessado em 15 de junho de 2017. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/670/317>.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

RESUMO: O presente trabalho pretende entender como a representação do eu se dá através de perfis em redes sociais na internet e quais aspectos da cultura de hibridização se encontram presentes nessa constante edição do eu no ambiente virtual. Utilizando autores como Zygmunt Bauman e Erving Goffman, pretende-se entender como se constitui a noção de indivíduo na contemporaneidade e quais elementos estão presentes na formação dos atores sociais. Com base no conceito de redes sociais na internet de Raquel Recuero, o trabalho expõe três exemplos de tais sites para ilustrar tais constatações: Facebook, LinkedIn e Tinder.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; edição do Eu; Hibridismo; Representação; Redes Sociais Online

ABSTRACT: The present work intends to understand how the representation of the self occurs through social network profiles on the Internet and which aspects of the hybridization culture are present in this constant edition of the self in the virtual environment. Using authors such as Zygmunt Bauman and Erving Goffman, we intend to understand how the notion of the individual is constituted in contemporary times and which elements are present in the formation of social actors. Based on Raquel Recuero's concept of social networking on the Internet, the paper presents three examples of such sites to illustrate such findings: Facebook, LinkedIn, and Tinder.

KEYWORDS: Identity; self edition; Hybridity; Representation; Online Social Networks